

## SERRA DOS PIRENEUS

Em 1892, os integrantes da Missão Cruls subiram ao mais alto dos picos e enterrou um documento que registrava a aventura. Relatório foi desenterrado na década de 20 por quatro moradores de Pirenópolis, mas ninguém sabe dizer onde está atualmente.

Suspeita é de que tenha sido dado de presente a Juscelino Kubitschek

Henrique Morize/Arquivo Público do DF



Edilson Rodrigues/CB/Reprodução - 14/11/06



## UM LUGAR PARA BRASÍLIA

A ata histórica perdida conta a passagem da expedição pela região de Pirenópolis. A foto mostra os integrantes no centro da cidade. A ata foi assinada por 10 pessoas e cuidadosamente colocada dentro de um vidro, lacrado numa lata para ser enterrado debaixo de uma pedra que hoje sustenta uma capela

# À PROCURA DO TESOURO PERDIDO

Historiadores buscam documento elaborado pela Missão Cruls que descreve a passagem da expedição pela Serra dos Pireneus

FERNANDA ODILLA  
ENVIADA ESPECIAL

**P**irenópolis (GO) – Está aberta a temporada de caça ao tesouro. Moradores de Pirenópolis e técnicos do Arquivo Público do Distrito Federal procuram um precioso documento enterrado, em 1892, no mais alto dos picos da Serra dos Pireneus, em Pirenópolis, por integrantes da Missão Cruls. A expedição comandada pelo cientista belga Louis Cruls, entre 1892 e 1894, elaborou um relatório completo sobre o Planalto Central e demarcou a área da futura capital. O alvo de cobiça de historiadores, arquivistas e amantes da história de Brasília é uma ata da passagem pelo Pico dos Pireneus de engenheiros, médicos, botânicos, higienistas e geólogos que, há dois séculos, desbravaram o planalto.

A caça ao tesouro será, contudo, um trabalho para detetives, que terão a missão de descobrir com quem está a ata histórica. Encontrado na década de 20 por quatro moradores de Pirenópolis, ninguém sabe precisar hoje o paradeiro do documento. Há quem assegure que, durante a construção de Brasília, um militar foi à cidade goiana e levou a ata. Outros contam que Juscelino Kubitschek recebeu o documento de presente, quando pedia votos em Pirenópolis para se eleger senador. “O valor do documento é histórico e não econômico. É um registro de que a Comissão Exploradora do Planalto Central chegou ao alto do pico”, afirma Percival de Souza, ex-funcionário da Secretaria de Turismo de

Pirenópolis, que há 20 anos procura o documento.

As primeiras pistas foram deixadas pelos próprios integrantes da comissão que saíram de Uberaba (MG) com destino a Pirenópolis, à procura do lugar ideal para construir a capital do Brasil. Com detalhes, a assinatura da ata é descrita por Hastimphilo de Moura, engenheiro que auxiliou a Missão. “Ele conta como o primeiro documento foi literalmente fincado no coração do cerrado”, observa o arquivista Euler Frank, diretor de gestão documental substituto do Arquivo Público do DF, que acaba de transcrever as seis cadernetas do engenheiro e também está em busca do documento.

A ata foi assinada por 10 pessoas, depois de posarem para uma foto histórica, na manhã do dia 8 de agosto de 1892. O papel foi cuidadosamente colocado dentro de um vidro, lacrado numa lata para ser enterrado debaixo de uma pedra que hoje sustenta uma capela. “No alto lavrou-se uma acta, q por todos nós foi assignada, encerrada n’um vidro lacrado, depois n’uma lata também lacrada e metido num ninho de aguia (gavião da montanha) q ali

Edilson Rodrigues/CB - 15/11/06



BOANERGES PERINEUS: O PAI DO FARMACÊUTICO DESENTERROU O DOCUMENTO

vimos. Quando no alto chegamos, vários foguetes fizemos subir (sic)”, relata o engenheiro em uma de suas cadernetas, uma espécie de diário das aventuras e desventuras da Missão Cruls. A pista de onde foi enterrada a ata também estava no livro bilíngüe com registros da expedição que, por anos, ficou guardado na prefeitura de Pirenópolis e motivou os moradores a buscarem a lata.

### Donos da história

Se os relatos dos integrantes da comissão já entraram para a história, antigos moradores de Pirenópolis contam como ajudaram a construí-la. Ainda está vivo na memória do farmacêutico Boanerges Perineus de Oliveira o momento em que o amigo Ditozinho en-

controu o tesouro enterrado pela Missão Cruls. “A gente subiu o morro para levar o oratório da igreja que meu pai (o construtor Christovam José de Oliveira) construiu no pico dos Pireneus. Ditozinho gritou que havia um trem esquisito na pedra. Meu pai logo disse que era o documento enterrado pela comissão”, recorda. Ele contou ainda que seu irmão mais velho, Nicodemus, dei-

xou a lata cair e quebrou o vidro que envolvia a ata.

Aos 95 anos, com uma lucidez e uma disposição invejáveis, Boanerges é o primeiro a dar pistas do paradeiro da ata histórica. “Era uma latinha comprida, com uma redoma de vidro e um papel que dizia que a Comissão passou pelos Pireneus. Todos assinaram o documento”, diz o farmacêutico, um dos donos da história do tesouro perdido. Além de ter participado da descoberta da ata, ele é descendente de personagens que auxiliaram os responsáveis pela expedição. É neto do coronel Floriano Batista, citado nas cadernetas de um dos engenheiros da Missão. “E meu outro avô, Zeca, vivia contando que o pessoal tomou café na casa dele”, diz. Boanerges

lembra ainda que a “notícia da descoberta do documento correu” e um militar foi a Pirenópolis só para vê-lo.

O sobrinho de Boanerges, Pompeu Christovam de Pina, de 72 anos, completa a história. Apaixonado por papéis e objetos antigos, Pompeu guarda o livro caixa do avô, onde, além da contabilidade, Christovam José de Oliveira registrava em prosa o próprio dia-a-dia. Nos alfarrábios do avô, Pompeu diz ter descoberto que encontrar o documento da Missão Cruls motivou o construtor a subir mais de uma vez os Pireneus. Numa das incursões, ficou preso no alto do morro debaixo de uma tempestade. Teve tanto medo de morrer que prometeu erguer uma capela sobre a mais alta pedra, se escapasse com vida. E foi justamente enquanto construía a igrejinha que localizou a ata histórica.

“Ele guardou o papel por muito tempo”, diz Pompeu, que defende a tese de que essa ata foi parar nas mãos de JK. De acordo com o advogado, o avô e o pai dele fizeram questão de presentear o ex-presidente que foi a Goiás durante a campanha por uma vaga no Senado. “Eu sou contra doar coisas, mas fui voto vencido. Queriam agradar JK”, argumenta Pompeu, que guarda no museu pessoal o binóculo e um pluviômetro usados pelos integrantes da Missão Cruls. Nunca mais Pirenópolis teve notícias da ata enterrada no ninho de gavião. Pompeu diz que no Memorial JK, em Brasília, não está. Pais e avô não sabem dizer com quem ficou o papel, hoje cobiçado pelos estudiosos da história do DF.



POMPEU CHRISTOVAM DE PINA: AVÔ FOI GUARDIÃO DO DOCUMENTO QUE, SEGUNDO ELE, FOI ENTREGUE A JK